



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## Prefácio

Armando Marino Filho

**Como citar:** MARINO FILHO, A. Prefácio. *In:* MILLER, S.; MENDONÇA, S. G. L.; KÖHLE, E. C. (org.). **Significado e Sentido na Educação para a Humanização**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 9-12.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-036-8.p9-12>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## PREFÁCIO

Podemos considerar a aventura humana a partir do salto do estado de natureza à sociedade e cultura, do sentido biológico à consciência, da existência singular para a comunitária como um processo criativo de novas formas de existência. Assim, por meio da transformação das coisas e da sua autotransformação, em unidade, coexistência e contradição com o mundo, o homem busca e cria sentidos tanto para a existência daquele como para a sua própria. A produção e reprodução dessa aventura significativa ocorre principalmente pelo processo educativo.

Neste livro temos um encontro com estudiosos preocupados, portanto, com a efetividade do ensino e desenvolvimento humano dos estudantes. Esses pesquisadores fazem importante pergunta definida por saber como os estudantes se ligam ao que estão fazendo e como isso afeta a sua vida. Por isso, uma resposta sobre quais significados e sentidos resultam da sua atividade é muito importante para orientarmos os processos de ensino a ponto de que os estudantes se envolvam positivamente com a aquisição dos conhecimentos e bens culturais que lhes dará autonomia para assumir a sua sociedade.

A atividade educativa, no entanto, enfrenta condições muito adversas nos dias atuais e que põem em risco a melhor humanização para todos. Esta, sendo histórica e cultural, pode ocorrer por muitos vieses <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-036-8.p9-12>

teóricos, práticos e éticos. Podemos intencionalmente objetivar uma formação prática e instrumental, mas também uma que seja crítica e formadora da consciência em níveis os mais elevados nos sujeitos do processo educativo. É possível, então, uma educação para a liberdade e para uma sociedade justa.

Este livro traz para o centro da atividade humanizadora o processo de significação, a atividade, a linguagem e o diálogo, que coincidem com a formação/transformação das relações dos indivíduos com o seu mundo como sujeitos históricos e socioculturais. Essa transformação das relações dos indivíduos por meio da significação se pode nominar de ensino/aprendizagem, e é fundamentalmente por meio desse processo que eles dão o salto qualitativo do ser biológico para o sócio cultural, da singularidade individualista para a consciência comunitária, da natureza para a liberdade criadora de novas formas de existência.

É considerado que a significação que decorre da transformação da natureza resulta em signos portadores de significados sociais e sentidos pessoais. Não são, como se pode ver nos capítulos que se seguem, três coisas, mas uma unidade representativa das vivências dos sujeitos nas atividades sociais. No entanto, manifestam-se de diferentes formas a depender de qual seja a objetivação que evidencia o lugar que o indivíduo ocupa como sujeito desse processo. Assim, significados e sentidos podem se expressar como conhecimento em atividades práticas ou como sentimentos e emoções quando a personalidade ocupa o centro da relação.

Como veremos também, as formas de objetivação dos significados e sentidos pessoais podem ocorrer em clara contradição com a realidade objetiva, como manifestação de conflitos entre o caráter social e o pessoal das relações que, por isso, podem levar a formas incoerentes de existência, ao sofrimento psicológico. A significação no processo educativo pode criar deformações no sistema psicológico que comprometem a humanização, a apropriação consciente dos conhecimentos. Isso pode ocorrer a ponto de que conhecer para além da instrumentalidade prática, necessária para a manutenção cotidiana da vida, não tenha mais um sentido positivo, às vezes um sentido estranhado, e não seja motivador para os sujeitos.

Poderíamos, por isso, nos perguntar por que é tão comum o abandono da atividade escolar. Ou, que sentidos pessoais para o conhecimento estão se formando nos sujeitos estudantes? Na busca da solução desse tipo de problema criado por nós nas crianças, é comum culpabilizá-las, atribuindo a elas um defeito biológico, à família a sua má constituição, aos professores a sua formação, à pobreza como condição. Essas peculiaridades das análises da atividade educativa não são sem importância, mas ao recobramos a ideia marxiana de que, na atividade social, a linguagem é tão antiga quanto a consciência, se apresenta a nós a universalidade que pode dar sentido a essas particularidades. Veremos que é na organização da atividade escolar e de estudo, no uso da linguagem, da palavra e do lugar que a criança ocupa no ensino/aprendizagem que poderemos encontrar qual seria a significação como relação necessária à formação de significados e sentidos coerentes com a motivação e o desejo para a apropriação da cultura mais desenvolvida.

Toda atividade humana é dotada de sentido e significado; assim, podemos considerar os sentidos particulares das atividades, as suas especificidades, que sentidos específicos queremos intencionalmente produzir, por exemplo, em uma atividade educativa, dependendo do período de desenvolvimento em que se encontram, e quais são possíveis aos aprendizes. Como veremos, significados e sentidos são “fluidos”, “instáveis”, dependem de contextos, situações, condições e vivências. Por isso, são históricos tanto no plano social quanto no individual e podem apresentar discrepâncias, divergências, contradições e conflitos entre si, mas também concordância, aceitação e/ou adaptação passiva do sujeito. No conjunto, os capítulos nos mostrarão a diversidade de considerações teóricas e possibilidades para pensarmos os sentidos e significados.

A escola como instituição produz, por exemplo, significados e sentidos como sendo os necessários à aprendizagem da língua materna, a atividade de estudo e disciplinas. Estes, no entanto, podem ser pensados ou presumidos sem nenhuma participação dos estudantes, podem ser impostos por meio da autoridade dos professores, orientadores, coordenadores e direção da escola. O padrão monológico de discurso pode orientar a existência das crianças sem considerar suas necessidades. Pode, por exemplo,

limitar quais tipos de manifestações emocionais podem existir ali, e se essas têm motivos aceitáveis pelos educadores para acontecerem justamente no momento em que devem aprender sobre conhecimentos.

Que tipos de enunciação dos sujeitos o modelo pedagógico viabiliza ou aceita como válidos na atividade escolar? Qual é o valor dos sentidos que as crianças manifestam na situação de ensino? Quais sentidos pessoais da aprendizagem escolar são aceitáveis nas crianças? O que ocorre com o sentido pessoal da atividade quando este se forma por obediência ao adulto? É possível na atual escola a criação do sentido de autoria? Que valor tem esse sentido para a atividade de estudo?

Sabemos que, de fato, os significados sociais preexistem às crianças e a sua apropriação pode adquirir o sentido de reprodução tal qual as relações de poder os condicionam. A riqueza da discussão que veremos a seguir é tão provocativa e profícua que poderíamos criar questões e perguntas por muito tempo. Mais ainda, buscar e propor, por meio dela, encaminhamentos para essa problemática. A questão da criação de sentidos pessoais é tão significativa para a aprendizagem e formação dos sujeitos que põe em xeque o próprio sistema escolar. Esperamos que a leitura possa ser proveitosa e reclamar de nós educadores e professores a nossa responsabilidade ética com as crianças, um posicionamento claro e intencional na superação da alienação que os sentidos criados por nós podem gerar.

*Armando Marino Filho*